

## GLAUBER ROCHA E A RAÇA DE GIGANTES

Carlos Gerbase

A ideia é falar de Glauber Rocha e de seu filme mais famoso, “Terra em Transe”. Vou me desviar bastante dessa proposta, mas tenho um nobre motivo: é impossível conhecer a fundo um artista que lida com uma linguagem que exige elaboração coletiva - como cinema e teatro - sem levar em conta as pessoas e as circunstâncias que o cercam. John Gassner, em seu monumental “Mestres do Teatro”, ensina que Shakespeare e o seu “Hamlet” são produto de um período específico (a Renascença) e de um conjunto de dramaturgos que trabalhavam (e bebiam) juntos em Londres. Shakespeare, ainda jovem e procurando seu espaço num mercado bastante disputado, foi amigo de Christopher Marlowe (de “Fausto”), Thomas Kyd e John Lyly. Estes autores, ao lado de Robert Greene e Thomas Nashe, formam a Raça de Gigantes (expressão de Gassner) do teatro elizabetano inglês.

Glauber Rocha era baiano, mas fez seus filmes mais famosos no Rio de Janeiro, ao lado de muitos outros cineastas do Cinema Novo. Assim como Shakespeare, dependia de uma constante troca de ideias com seus colegas, que, nos dois casos, não acontecia num ambiente acadêmico, e sim nas numerosas tabernas de Londres e nos animados bares de Ipanema. Shakespeare nunca frequentou uma universidade e Glauber abandonou rapidamente o curso de Direito em que se inscreveu em Salvador. Para entender Glauber, é preciso saber o que ele absorveu de cineastas como Walter Lima Jr., Cacá Diegues, Luiz Carlos Barreto, Zelito Viana, Eduardo Scorel, Lauro Scorel, Antonio Calmon, Dib Luft e Affonso Beato (todos eles nos créditos de filmes de Glauber), além, é claro, de Nelson Pereira dos Santos que dirigiu sua obra-prima “Vidas Secas” quase ao mesmo tempo em que Glauber realizava seu melhor filme, “Deus e o diabo na Terra do Sol”.

Podemos listar com facilidade as características que unem Glauber e todo esse povo do Cinema Novo, já que essa geração é a mais estudada da história do cinema brasileiro: (1) produziam com poucos recursos, em forma de cooperativa; (2) tinham precários recursos técnicos, se comparados com os cineastas da Vera Cruz em São Paulo e com as empresas que faziam chanchadas no Rio de Janeiro; (3) isso não os impediu de usar uma importante novidade tecnológica (o gravador de som direto); (4) filmavam em externas ou locações, e não em estúdios; (5) tinham evidentes preocupações políticas, e suas obras estão impregnadas de ideologia (sempre à esquerda;); (6) foram influenciados pelo Neo-realismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa; (7) queriam enfrentar as convenções estéticas de Hollywood e filmar com mais liberdade, assumindo riscos e, inevitavelmente, distanciando-se do espectador mais convencional.

Creio que as origens de “Terra em transe” estão estreitamente ligadas a todas essas características do movimento. Isso não tira nem um pouco do caráter autoral do filme. Glauber tinha sua trajetória particular e suas próprias obsessões estéticas, que conseguiu imprimir, de forma indiscutível, em sua obra. Os gigantes que o acompanhavam não o prejudicaram, e muito menos o intimidaram. Contudo, as contribuições de Walter Lima Jr. nos roteiros, de Luiz Carlos Barreto e Dib Luft nas direções de fotografia, de Eduardo Scorel nas edições, e de tantos outros em funções variadas, me fazem pensar numa ideia que apresentei num dos congressos da Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual): a autoria de um filme nunca é uma essência, e sim o resultado de muitas mãos e mentes. E mais: nessa soma, nem sempre o diretor é uma parcela tão grande assim. Cheguei a falar de uma “autoria quantitativa”, que poderia variar de filme a filme na obra de um mesmo diretor. Minha ideia foi solenemente ignorada, pois a grande maioria dos acadêmicos ainda acredita em essências e gosta, por exemplo, de ver Glauber como um diretor “absolutamente autoral”.

Revendo “Terra em transe”, que nunca foi meu filme preferido na obra de Glauber, ousou dizer que muitas de suas qualidades (a bela fotografia e a edição criativa, por exemplo) não são exatamente de Glauber. Já os diálogos, bastante literários, e a direção de atores, teatral, parecem ter a marca do cineasta baiano. Gostar ou não de “Terra em transe” depende do que consideramos como bom cinema experimental. Confesso que, mesmo respeitando o imenso impacto do filme para críticos

importantes e para cineastas de renome como Martin Scorsese, “Terra em transe” não consegue me atingir, nem emocionalmente (com seus personagens artificiais), nem intelectualmente (com sua suporta mensagem politicamente revolucionária). Como diz David Mamet, cabe ao drama, antes de tudo, encantar ao espectador. Muitos filmes do Cinema Novo me encantam (inclusive “Deus e o diabo na terra do sol”, do próprio Glauber), mas “Terra em transe” não faz jus à Raça de Gigantes que permitiu a sua existência.